

Hermenêutica e subjetividade em Kierkegaard e Foucault

Jorge Miranda de Almeida

Professor Titular do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas,
DFCH-UESB

E-mail: mirandajma@gmail.com

Hugo Pires

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e
Subjetividade - UESB

E-mail: hugohugone@hotmail.com

Recebido em: 15/03 /2018.

Aprovado em: 12/04/2018.

Resumo: Problematizar e provocar o(a) leitor(a) em torno da constituição da categoria da subjetividade em Kierkegaard e Foucault, especialmente no deslocamento que o pensador francês realiza a partir de 1984, quando, retomando Sêneca e o cuidado de si, elabora uma aproximação muito próxima da interioridade, estabelecida pelo autor de *O conceito de angústia*. Portanto, o sujeito encontra na subjetividade elaborada (não se trata de qualquer tipo de subjetividade) condições de tornar-se uma singularidade capaz de escolher tornar-se *isso* ou *aquilo*. Dessa maneira, os dois pensadores extrapolam a filosofia do conceito e colocam em movimento o ato de filosofar como uma reduplicação existencial de cuidar de si para ser capaz de cuidar do outro, como está desenvolvido na aula de 27 de Janeiro de 1982, pois, segundo Foucault, “para que a prática de si alcance o eu por ela visado, o outro é indispensável”. Da mesma maneira, Kierkegaard, em *As obras do amor*: “a característica da maturidade e da consagração ao eterno é o querer compreender que o ‘eu’ nada tem a significar se ele não se torna o ‘tu’.”

Palavras-chave: Cuidado; Ética; Subjetividade.

Hermeneutics and subjectivity in Kierkegaard and Foucault

Abstract: To problematize and to provoke the reader around the constitution of the category of subjectivity in Kierkegaard and Foucault, especially in the displacement that the French thinker realizes from 1984, when resuming Seneca and the care of oneself, elaborates a very close approximation of interiority, established by the author of *The Concept of Anguish*. Therefore, the subject finds in the elaborate subjectivity (not

any kind of subjectivity) conditions to become a singularity capable of choosing to become this or that. In this way, the two thinkers extrapolate the philosophy of the concept and put in motion the act of philosophizing as an existential reduplication of caring for oneself to be able to care for the other, as it is developed in the class of January 27, 1982, because, according to Foucault, "so that the practice of self reaches the self that is aimed at, the other is indispensable". In the same way, Kierkegaard in *The Works of Love*: "the characteristic of maturity and consecration to the eternal is to want to understand that the 'I' has nothing to mean if it does not become the 'you'."

Keywords: Care; Ethics; Subjectivity.

Introdução

Foucault, em seus escritos do final dos anos de 1970 até o ano de 1984, apresenta um deslocamento dos seus procedimentos filosóficos em direção às relações entre *subjetividade e verdade* ou *sujeito e verdade*, sendo esse percurso estabelecido sob a noção do *cuidado de si mesmo* na diferenciação e aproximação com o *conhecimento de si mesmo* e o conhecimento do outro. Porém, não se trata de um conhecimento teórico ou conceitual. Não é da ordem apenas do intelecto, mas de uma *disposição* que precisa ser gestada na interioridade do sujeito para que ele possa ser capaz de realizar a transformação necessária do eu em si mesmo, do sujeito em singularidade. Será que é Foucault quem está desenvolvendo esse percurso-processo eminentemente kierkegaardiano? Na aula do dia 13 de janeiro de 1982, que está inserida no conjunto que compõe a obra *A hermenêutica do sujeito*, é possível encontrar afirmações que corroboram esse ensaio, como por exemplo: "é preciso ocupar-se consigo mesmo" e "o que é esse eu com que se deve ocupar-se?" Em segundo lugar: no que deve consistir essa ocupação, esse cuidado, essa *epiméleia*? De que forma o cuidado de si deve consistir no conhecimento de si?

É notável, então, a presença de uma transposição que vai da problemática anteriormente tratada e que diz respeito à análise das relações entre *poder e saber*, para a problemática da subjetividade/verdade, sendo esta realizada mediante um salto qualitativo. Estes movimentos de sentido e as ondulações que realizam em suas *epistemes* evidenciam uma aproximação da noção de subjetividade e singularidade destacada de forma fecunda por Kierkegaard, que

antecipa em quase um século questões que seriam retomadas e aprofundadas pela filosofia, psicanálise, psicologia e sociologia somente em meados do século XX. As questões a respeito do sujeito e sua singularidade tendo a noção do *cuidado de si mesmo* como balizadora desvela o ser que se constrói na sua *subjetividade* e interioridade levando à percepção de um deslocamento de Foucault em direção à hermenêutica-existencial kierkegaardiana.

Na entrevista concedida à *Revista Concórdia* intitulada “A ética do cuidado de si mesmo como prática da liberdade”, ao ser questionado como houve e se houve uma mudança em sua compreensão da categoria do sujeito e na diluição do sujeito em função das estruturas do discurso ou do poder; sua resposta foi precisamente que a refutação era a qualquer teoria prévia do sujeito, como a elaborada pela fenomenologia ou pelo existencialismo. Na pergunta seguinte, ao ser questionado se o sujeito seria uma substância, a resposta é negativa. O sujeito não é uma substância. Essa é também a perspectiva de Kierkegaard. O Sujeito não é substância, é relação. Esse deslocamento é fundamental para a compreensão do cuidado de si como cuidado do outro. Contudo, é oportuno salientar que Foucault assume essa questão mais de cem anos depois de Kierkegaard.

Esta provocação tem o intuito de discutir este deslocamento considerando a noção de subjetividade e os movimentos observados desta categoria em Kierkegaard e em Foucault evidenciando as afinidades encontradas entre o “pensador da existência” e o pensador do “cuidado de si mesmo” deixando visível aquilo que é possível enquanto aproximação e o que só é possível enquanto dissensão. A metodologia empregada nesta busca ateu-se à análise dos conteúdos do *Post-scriptum conclusivo e não científico às migalhas filosóficas*, publicada por Kierkegaard no ano de 1846, à análise de *A hermenêutica do sujeito*, do *Governo de si e dos outros* referentes aos cursos proferidos por Foucault entre os anos de 1981 a 1983 e os *Ditos e escritos v*, que enfeixam as entrevistas, conferências e artigos do ano de 1984, em que é evidenciada, com deslocamento de sentido e significado, a subjetividade como categoria enunciadora, como ato de significação por meio do qual o salto qualitativo se evidencia e seu deslocamento se faz na direção de uma subjetividade da subjetividade ou da subjetividade da existência, do devir, da individualidade, do conhecimento de si mesmo e que busca na interioridade a singularidade do tornar-se si mesmo.

A categoria subjetividade presente em campos de saberes aparentemente distintos sobre a qual se erige o pensamento de Kierkegaard e de Foucault evidenciam ondulações que problematizam os significados e as formas pelas quais a filosofia atual trabalha com esta categoria. Este estudo privilegia os caminhos trilhados por Foucault a partir das suas obras do início dos anos de 1980 até o ano 1984, especialmente em *A hermenêutica do sujeito* e *Ditos e escritos V*, que evidenciam os movimentos indicadores de um deslocamento confirmado pelo próprio autor. E como ele mesmo evidencia tratar-se de um “salto” (FOUCAULT, 2012b, p. 258), entre a problematização das relações de poder enquanto práticas coercitivas com a dimensão da subjetividade-verdade a partir da elaboração do cuidado de si enquanto fundamenta uma prática ascética de si mesmo e ao mesmo tempo uma prática ascética do outro.

É sintomático que categorias como “cuidado de si”, “salto”, “deslocamento”, “subjetividade”, tão fortemente utilizadas por Foucault nessas obras, não tenham despertado nos estudiosos foucaultianos sequer uma aproximação com Kierkegaard, que muito utilizou desses termos atribuindo novos significados. Torna-se mais surpreendente ainda quando o próprio Foucault pretende deixar a França para ir morar na Dinamarca e passar a ler Kierkegaard (DEFERT; EWALD, 2011a, p. 6). Frederic Gross, responsável pela edição de *A hermenêutica do sujeito*, foi um dos poucos estudiosos a afirmar que Foucault foi um “grande leitor de Kierkegaard”, ainda que praticamente jamais faça menção a esse autor, que, no entanto, teve para ele importância tão secreta quanto decisiva (GROS, 2010, p. 23).

O texto problematiza a questão desse deslocamento que se evidencia na análise efetuada do curso de janeiro de 1982, em que chama a atenção para as relações presentes e existentes entre subjetividade e verdade. É preciso avisar ao leitor que a obra mais significativa de Kierkegaard, e que aborda exaustivamente a categoria da subjetividade, é intitulada *Post-scriptum conclusivo não científico às migalhas filosóficas*, de 1846. O segundo capítulo da segunda parte tem como título exatamente a verdade subjetiva, a interioridade; a verdade é a subjetividade e o terceiro capítulo é intitulado a subjetividade real, aquela ética; o pensador subjetivo.

Subjetividade, interioridade e cuidado de si em Foucault e Kierkegaard

A subjetividade do cuidado de si e da edificação de si mesmo, o que implica ambos, o deslocamento do eu para a construção do si mesmo, requer um novo conteúdo para a subjetividade que não se deixa demonstrar logicamente, pois cairíamos no domínio da objetividade, mas se permite evocar e se mostrar, por isso, a importância da comunicação indireta em suas várias nuances, como romance, teatro, literatura, música, poesia.

Porém, especialmente na obra *Pós-escrito conclusivo não científico às migalhas filosóficas*, Kierkegaard elabora exaustivamente a sua compreensão de subjetividade e desta a singularidade. A obra escrita em 1846 tem quase 600 páginas. Está dividida em duas partes. Interessa para a empreitada desta conversa nos determos no capítulo II da segunda seção intitulado “A verdade subjetiva, a interioridade, a verdade é a subjetividade”. Tem-se então uma primeira tese: a verdade é a subjetividade.

O terceiro capítulo da segunda seção é intitulado “A subjetividade real, a [subjetividade] ética; o pensador subjetivo”, especialmente no terceiro parágrafo denominado a contemporaneidade dos momentos particulares da subjetividade na subjetividade existente; contemporaneidade como oposição ao processo especulativo. Aqui é preciso refletir sobre questões como: 1 - O que seria a subjetividade da subjetividade? 2 - Toda subjetividade é verdadeira? 3 - O que seria a subjetividade real e qual seria a subjetividade não real? Não é um contrassenso? 4 - Por que a subjetividade, para que seja efetiva, precisa ser ética? Temos, então, três categorias que ocupam a centralidade da obra em análise: 1. Subjetividade, 2. Ética e 3. Existente.

No final do segundo parágrafo do capítulo 3, a subjetividade real, aquela ética, o pensador subjetivo, o terceiro aforisma estabelece “a subjetividade é a verdade, a subjetividade é a realidade” (FOUCAULT, 1993, p. 448). Novamente: 1. subjetividade, 2. verdade, 3. realidade. A tarefa do pensador subjetivo não é viver especulativamente ou bestialmente, embora, em Kierkegaard, não haja nada que diga que ele não possa escolher esse tipo ou aquele tipo de vida, mas existir contemporaneamente com a verdade e sendo a verdade “a tarefa de recolher os momentos da vida na própria

contemporaneidade”, isto é, realizar-se como síntese entre finito e infinito, temporal e eterno, necessidade e liberdade, assumindo a responsabilidade e a iniciativa de responder ao convite de existir e não simplesmente ser. De outra maneira, responder positivamente ao convite de tornar-se o que estava destinado a ser e não perder-se no mundo do desesperado que teima em não querer tornar-se um si mesmo.

Ao estabelecer a subjetividade como interioridade, Kierkegaard atribui um novo significado, pois rompe com a subjetividade como identidade autossuficiente e egocêntrica e propõe a singularidade fundada na relação, logo, na diferença, o que vai possibilitar a efetiva alteridade. Se para a tradição filosófica a subjetividade é entendida como um eu=consciência, agora ela é tornar-se a si mesmo, o que só será concretizado na relação com um tu. Novamente é possível encontrar na aula de 12 de janeiro de 1983 do curso *O governo de si e dos outros*, uma relação muito próxima e uma compreensão da dinâmica do Eu e do Tu, como, por exemplo, e seria interessante se todos tivessem a obra em mãos, porque um ouvinte desavisado ou desatento não diria que se trata de um texto de Foucault. Eis o que ele afirma: “[...] viu-se que essa arte de si necessita de uma relação com o outro. Em outras palavras: não se pode cuidar de si mesmo, se preocupar consigo mesmo sem ter relação com outro.” (FOUCAULT, 2013, p. 43).

Foucault desenvolve um diálogo que pretende desvelar os lugares a respeito do qual as relações entre *sujeito* e *verdade* apresentar-se-ão bem demarcadas na dinâmica entre o cuidado de si e o conhecimento de si. Observe caro leitor que um dos capítulos que compõem a obra em questão de Kierkegaard é intitulado exatamente a subjetividade é a verdade. Qual verdade estão abordando Kierkegaard e Foucault? Da verdade enquanto *parresia*. Não se trata mais da verdade que perdurou durante a tradição filosófica da identidade entre ser e pensamento ou na adequação, mas na construção da verdade no interior da liberdade enquanto redobramento (p. 62) ou reduplicação – categoria eminentemente kierkegaardiana. Observe: “Parresia é a livre coragem pela qual você se vincula a si mesmo no ato de dizer a verdade. Ou ainda: parresia é a ética de dizer a verdade, em seu ato arriscado e livre.” (p. 64). Parresia é, numa perspectiva kierkegaardiana, a reduplicação entre o ato de dizer a verdade e tornar-se a própria verdade, pois existe uma

diferença muito grande entre compreender a verdade e tornar-se a própria verdade.

O filósofo francês retorna aos gregos para discutir a forma como a questão do sujeito e do seu conhecimento ou do *conhecimento do sujeito empreendido por ele mesmo* foi gerida em seu movimento e para esta tarefa parte da categoria do *cuidado de si mesmo a (epiméleia heautou)* em que observa ser esta uma noção inerente à rica cultura grega que se manifesta na ação do ser que busca ocupar-se, preocupar-se consigo mesmo no sentido do cuidar de si. Essas atividades são designadas como subjetividade, compreendendo-a a partir da ótica como estamos desenvolvendo neste estudo que é bastante diferente da compreensão usual em filosofia, sobretudo, dos herdeiros da filosofia moderna da subjetividade como sujeito autossuficiente e autorreferente. Aqui, subjetividade é vulnerabilidade, por isso ela precisa ser cuidada, edificada.

As categorias subjetividade, interioridade e edificação em Kierkegaard se aproximam das categorias trabalhadas por Foucault, que justifica a subjetividade da subjetividade, isto é, o desenvolvimento da própria subjetividade que transforma o indivíduo em um si mesmo. Esta relação é enunciada em Kierkegaard a partir da ideia da subjetividade como verdade e como ética ao mesmo tempo em que evidencia caminhos para a construção da subjetividade como sendo a própria verdade, que se edifica a partir da existência do ser que a tudo fundamenta buscando-se na interioridade. O ser se edifica na existência e na busca desta edificação constrói o “si mesmo” para a elaboração da sua singularidade (KIERKEGAARD, 2010).

Kierkegaard não aceita a compreensão da subjetividade dominante no círculo filosófico e teológico do seu tempo, pois em última instância, esta era subjetivada na exterioridade do Estado ou da Religião. No fundo, não havia propriamente um si mesmo, apenas um eu. Por isso é importante a distinção que o filósofo estabelece na obra *A doença mortal* de um eu que se estabelece como relação que se redobra sobre si mesmo, isto é, há uma primeira relação entre o eu e o si mesmo e depois de edificado esse si mesmo, a reduplicação entre o si mesmo e o próximo, o primeiro Tu como designa em *As obras do amor*.

Para auxiliar o leitor a compreender o que Kierkegaard critica na concepção que a filosofia moderna tem de filosofia e a que ele propõe, pensamos que essa citação extraída do Pós-escrito conclusivo irá contribuir:

Este pensamento objetivo não tem nenhuma relação com a subjetividade existente, e enquanto a difícil questão sempre permanece, como é que o sujeito existente se introduz nessa objetividade, na qual a subjetividade é a pura subjetividade abstrata (que é, mais uma vez, uma determinação objetiva e não designa algum ser humano existente), é certo que a subjetividade existente se evapora cada vez mais, e, por fim, se é possível para um ser humano tornar-se algo assim, e que tudo isso não seja algo de que se pode, na melhor das hipóteses, ficar conhecendo no máximo pela fantasia; o puro com-saber abstrato a respeito e o conhecimento sobre essa relação pura e entre pensamento e ser, essa pura identidade, sim, essa tautologia, porque aqui com ser não se diz que o pensador é, mas sim, propriamente, apenas que é um pensador. (KIERKEGAARD, 1993, p. 325).

Ora, uma subjetividade que precisa ser construída não pode ser reduzida a um mero objeto de saber. Essa, parece-nos, também é a tese de Foucault (2010a), pois o cuidado de si mesmo, o ocupar-se consigo, o preocupar-se consigo, no entendimento entre sujeito e verdade, apresenta sentidos que vão além de “certa forma de atenção” e remetem a uma gama de ideias e de atividades que passam pelo exercício ascético, a uma forma de atividade, a “atos de conhecimento” como a atenção, o olhar, à percepção que se tem de si, o estar atento a si, o voltar o olhar para si, o examinar-se a si mesmo, o refluir sobre si mesmo, retrair ou então restabelecer-se, instalar-se sobre si mesmo como um refúgio, uma cidade fortificada, descer ao mais profundo de si mesmo, perpassando “famílias de expressões” que “concernem a toda uma prática de si”. Foucault remete à questão da edificação e da interioridade em que “descer o mais profundo de si mesmo, instalar-se sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2010a, p. 78) é a questão da edificação em Kierkegaard, para quem quanto mais você edifica mais você se constrói em profundidade, mais você se eleva.

É notável que Foucault retorne aos gregos quando demarca, em *Alcebiades*, um cuidado de si estabelecido em uma “ocasião precisa”, em que é chamada a atenção de Alcebiades para a “hora: o momento da vida, estação de existência em que deve ocupar-se consigo”. E essa “estação da existência [...] é o momento em que o jovem deixa de estar nas mãos dos pedagogos e de ser, ao mesmo tempo, objeto de desejo erótico, momento em que deve ingressar na vida e exercer seu poder, um poder ativo” (FOUCAULT, 2010a, p. 79). A estação da vida corresponde em Kierkegaard ao momento existencial, a

síntese em que o eterno e o temporal se concretizam na decisão da subjetividade singular. As tensões entre o tempo e o eterno só se tornam contemporâneas na decisão do indivíduo singular, pois mesmo sendo Deus considerado como a fonte que jorra para a vida eterna, ele tem o poder de retrain-se para que o indivíduo singular possa tornar-se mesmo. Até nesse momento Kierkegaard é irônico e estratégico. Irônico, pois sabe que a síntese não pode ser colocada apenas por si mesmo; estratégico porque compreende que, para que o si mesmo se efetive autenticamente, precisa reconhecer que precisa atirar-se no poder que o pôs, caso contrário seria uma caricatura de um eu sem sentido, como vários personagens-pessoas analisadas em sua obra, tais como D. Juan, Fausto, o Judeu errante, Dona Elvira, Margarida, etc. Em se tratando de Foucault, é pertinente perguntar se o Foucault do início dos anos de 1980, na sua *A hermenêutica do sujeito*, quando discursa a respeito do *cuidado de si mesmo*, o faz com a finalidade de chamar a atenção sobre os gregos apenas e como uma mera reflexão, ou ao fazê-lo toma o conceito para si, apropriar-se dele e assimila-o passando a ensiná-lo enquanto ele próprio é arremetido mais próximo à hermenêutica kierkegaardiana, pois será assim que se dará a conhecer esse deslocamento em direção à subjetividade da subjetividade, do tornar-se si mesmo, já anunciado em Kierkegaard desde 1846.

Essa problematização é pertinente, pois o próprio Foucault (2012a) assume, em entrevista no ano de 1984, a questão subjetividade/verdade é sua posição reflexiva filosófica desde o início de sua trajetória intelectual, “esse sempre foi, na realidade o meu problema” (FOUCAULT, 2012a, p. 258), e o que levou a abordá-la de forma geral nos seus cursos ofertados no Collège de France, onde passou a considerar a questão das relações entre sujeito e verdade e a entrada do sujeito nos jogos de verdade, por ele examinados a partir das práticas coercitivas (sistema psiquiátrico e penitenciário) e pela “análise das riquezas, da linguagem e do ser vivo” (em *As palavras e as coisas*), para o que o autor chama de “uma prática de si”. Esta é a questão em análise, pois são práticas determinantes tanto para a sociedade greco-romana, como para a sociedade atual, expressando-se de forma autônoma e marcante, mas que não apresentaram a mesma importância em épocas posteriores quando foram “investidas pelas instituições religiosas, pedagógicas ou do tipo médico-psiquiátrica” (FOUCAULT, 2012a, p. 259) e

que perduram até os dias atuais, mesmo após as contribuições de Kierkegaard evidenciadas pelo próprio Foucault, em seu salto qualitativo ou em seu deslocamento.

A relação da subjetividade em Foucault e Kierkegaard corre muitos riscos. Mas o risco é próprio de quem ousa filosofar e não se contenta nas seguranças dos resumos, resenhas e reproduções dos teóricos. É um risco, pois muitos dos principais estudiosos de Foucault têm muita resistência à categoria da subjetividade como elaborada pelo filósofo dinamarquês, pois ainda a veem com as lentes da subjetividade compreendida por Descartes, Leibniz, Kant e o próprio Hegel e, por outro lado, ainda assumem a crítica dos teóricos marxistas que enxergam na categoria da subjetividade apenas um pensar burguês e alienado. Nesse sentido, é preciosa a contribuição de Fransklín Leopoldo e Silva,¹ no prefácio de *A parrhêsia em M. Foucault – um enunciado político e ético* (2011), pois dá sustentação a nosso propósito ao evidenciar que “a presença constante do tema do sujeito é solidária a uma profunda modificação do modo de visar a subjetividade” (DA SILVA apud WELLAUSEN, 2010, p. 7) e que essa subjetividade está comprometida com a construção ética que envolve o indivíduo enquanto práticas de si.

A Subjetividade em Kierkegaard

Kierkegaard e Foucault, na análise da relação entre mestre e discípulo, conforme desenvolvem respectivamente em *Migalhas filosóficas* e na *Hermenêutica do sujeito*, têm compreensões muito próximas em relação à maneira como abordar a subjetividade do educando. Em Kierkegaard, o máximo que o mestre pode ser é a ocasião para que o discípulo possa elaborar ou edificar a si mesmo. Em Foucault, a posição do mestre, como ele mesmo afirma, é que ele “cuida do cuidado que aquele que ele guia pode ter de si mesmo” (FOUCAULT, 2010, p. 55). Ora, o mestre não cuida do discípulo, pois se assim fosse, ele estaria objetivando o pupilo, pelo contrário, cuida do cuidado. E o que isso quer dizer? Cuidar é amar de forma desinteressada, pois “o cuidado de si, que se forma e só pode formar-se numa referência ao Outro, desconsiderando a interpretação entre eros e o cuidado de si. Ora, o amor ao próximo em Kierkegaard

não corresponde exatamente à abnegação, ao amor crístico, amor em direção ao tu, pois o eu nada significa se ele não se transforma imediatamente num primeiro tu?

O cuidado de si ou ocupar-se consigo parece surgir então como um princípio universal, que não se resume ao individual considerado numa perspectiva autossuficiente como aquele que, ao retirar-se para o deserto, ao isolar-se em um ascetismo eremítico e narcísico, desconsidera o outro, o individual que, ao ocupar-se consigo mesmo de forma a elaborar-se, a edificar-se, se realiza na relação que estabelece com o outro. Novamente uma aproximação com o pensamento de Kierkegaard em relação à dinâmica si mesmo e do outro. Afirma Kierkegaard:

O próximo é o igual. O próximo não é a pessoa amada, pela qual tu tens a predileção da paixão, e nem mesmo teu amigo, por quem tu tens a predileção da paixão. O próximo não é de jeito nenhum, se tu és alguém culto, a pessoa culta... [...] não amar o próximo é a igualdade. O próximo é todo e qualquer homem, pois pelas diferenças ele não é teu próximo, nem mesmo pela igualdade contigo no interior da diferença em relação aos outros homens. Pela igualdade contigo, diante de Deus ele é teu próximo, mas esta igualdade absolutamente todo homem tem, e a tem incondicionalmente. (KIERKEGAARD, 2005, p. 81).

O cuidado de si mesmo evoca então a busca da condição ética do ser e tem início, como em Kierkegaard (2010), não pela imposição de regras e de leis ou de poderes constituídos pelas instituições, mas pela escolha do ser e esta se dá na primeira pessoa. Por ter essa compreensão, o filósofo dinamarquês afirma que a verdadeira subjetividade é ética, como indica o terceiro capítulo da segunda parte intitulada *A subjetividade real, a [subjetividade] ética; o pensador subjetivo*.

Kierkegaard faz apresenta a clássica definição do eu como sendo espírito e este uma relação que se desdobra sobre si mesma a partir da síntese de infinito e finito, temporal e eterno, liberdade e necessidade como exposto no capítulo I do livro I da *Doença Mortal*. A concepção do eu exposta nessa obra não é suficiente para esgotar a complexa trajetória da constituição do si mesmo que requer um longo percurso na interioridade do eu para tornar-se. Em meus

estudos sobre a produção de Kierkegaard, entendo a subjetividade como a condição de se chegar à singularidade mediante o esforço dantesco em dominar a si mesmo a partir da elaboração de si que ocorre na interioridade como muitas vezes é explicitado em *O Pós-escrito*, inclusive como título do segundo capítulo da segunda parte *a verdade subjetiva, a interioridade; a verdade é a subjetividade*. A interioridade é a condição para que a edificação ocorra. Edificar é construir a partir de fundamentos. Portanto, o indivíduo frequenta a si mesmo, constrói sua subjetividade a partir da escolha que ele faz mediante as possibilidades estéticas, éticas e ético-religiosas, e se escolhe tornar-se uma subjetividade autêntica, ele precisa de duas bases de sustentação: a interioridade e a edificação; dessa forma, torna-se um indivíduo singular.

Como dito anteriormente, o problema do tornar-se subjetivo que ocupa a segunda parte de *O Pós-escrito* detalha as ondulações que o indivíduo precisa realizar para tornar-se o indivíduo singular, distinto do indivíduo da massa, do rebanho, do anonimato e transformado na repetição insuportável de um número a mais no meio da multidão. Kierkegaard é cômico da importância de resgatar a singularidade e assume essa como a sua maior e desafiadora tarefa, como está exposto na obra póstuma *Ponto de vista explicativo de minha obra/atividade de escritor*, especialmente no texto “Uma palavra sobre a minha obra de escritor considerada em relação ao ‘indivíduo’”, em que afirma “a questão do indivíduo é decisiva entre todas” (KIERKEGAARD, 1986, p. 105); “eu recorri, mantendo incessantemente a dialética do ‘indivíduo’ na ambiguidade do seu duplo movimento. Cada uma das minhas obras pseudônimas apresenta de uma ou de outra maneira a questão do ‘indivíduo’.” (p. 106); “o ‘indivíduo’ pode significar o homem único entre todos, e também cada qual, toda a gente.” (p. 106); “o indivíduo: eis a categoria pela qual devem passar, sob o ponto de vista religioso, a época, a história, a humanidade” (p. 109); “o meu papel em ética relaciona-se incondicionalmente com a categoria de ‘o indivíduo’.” (p. 109); “essa categoria e o uso que dela fiz de maneira tão pessoal e decisiva constituem, em ética, o ponto decisivo e sem a sua aplicação, tal como foi feita, a reduplicação estaria ausente de toda a minha obra de escritor.” (p. 110).

Como é que ocorre a mudança no interior da subjetividade para que essa se transforme em singularidade? A resposta é oferecida pelo autor de *Pós-escrito*, somente quando o “indivíduo singular

volta-se para dentro de si mesmo (portanto, só na interioridade da autoatividade).” (p. 255). O que seria essa autoatividade em Kierkegaard? Penso que seria exatamente o movimento da edificação que ocorre mediante a situação existencial em que o si mesmo se encontra, pois não estamos abordando um indivíduo conceitual, mas um indivíduo de carne e osso, como é evidenciado em *Ou-Ou*, especialmente na parte *o equilíbrio entre o estético e o ético*, quando se descreve um “indivíduo situado e datado, dotado de determinadas faculdades, paixões, inclinações, hábitos, sofrendo influências externas, que é afetado de uma maneira ou de outra.” (2007, p. 235). Ora, se não houver edificação na interioridade, o si mesmo não é capaz de realizar a si mesmo como tarefa que consiste “sobretudo em ordenar, formar, incitar, reprimir, *em suma* conduzir a alma a uma equidade, a uma harmonia que é fruto das virtudes pessoais. Assim, o objetivo de sua atividade é ele mesmo como uma tarefa que se lhe fora imposta, mas que se tornou sua, porque foi capaz de elegê-la.” (p. 250).

O problema então é o de tornar-se subjetivo, ou a questão é como o problema do tornar-se subjetivo exige que ele transforme a si mesmo em singularidade? A singularidade não corresponde melhor ao si mesmo do que a subjetividade? Quando Kierkegaard afirmou, no *Ponto de vista...*, que o indivíduo estava presente de um modo ou de outro em todas as suas obras, ele evidenciou e nos apresentou diversos tipos de subjetividades, subjetividades verdadeiras e autênticas como Abraão e Jó, mas também descreveu com propriedades subjetividades que, embora reais como Dona Elvira, D. Giovanni, Fausto, Margarida, não são subjetividades autênticas e verdadeiras, porque projetaram o si mesmo fora de si, se é que elas tinham um si mesmo e são incapazes de traduzir-se na própria verdade como testemunho da verdade e como coerência entre o que se diz e o que pratica. Desse modo, como é exposto em *Pós-escrito*, esses indivíduos não possuem interioridade, mas uma imediata devoção (p. 254). Desse modo, pode-se ter, como uma perspectiva razoável, a tese de que a subjetividade pode se transformar em singularidade quando edificada na interioridade, ou permanecer no plano da subjetividade quando não é capaz de realizar o salto, ou quando é capaz, como Sócrates, não o faz. A sugestão para construir a singularidade é assumir a apropriação e a interioridade, pois “são aquilo pelo que se deve trabalhar” (p. 255).

Assim tem uma subjetividade que pode ser verdadeira e pode ser falsa. A interioridade em Kierkegaard também é assumida nesse duplo movimento, como evidencia claramente “ter tudo contra si, nenhuma, nenhuma expressão para sua interioridade; e ainda manter a sua palavra – isso é a interioridade; e a interioridade é falsa na mesma medida em que se tem prontamente à mão expressões externas, em semblante e conduta, em palavras e asserções – não porque a expressão seja, ela mesma, falsa, mas porque a inverdade estava em que a interioridade não passava de um momento” (p. 247).

Posso apresentar ao leitor exemplos de subjetividade que não são verdadeiras, como Margarida de Fausto, quando ela exclama “o que eu era? Nada! Argila em suas mãos, uma costela da qual obtive forma. Uma pobre planta e ele me pegou, me cultivou, foi para mim tudo, o meu Deus, o princípio do meu pensamento, o alimento da minha alma” (KIEREKGAAARD, 2001, v. II, p. 109). Dona Elvira, personagem estudada por Kierkegaard da Ópera *Don Giovanni*, de Da Ponte-Mozart, também exclama após ser seduzida e abandonada, “[...] estou perdida, é somente assim que posso salvaguardar a mim mesma...Mim mesma, [...] que coisa é este meu *Moi*? (v. V, p. 115 – grifos do autor).

Da subjetividade à singularidade em Kierkegaard

Enquanto a subjetividade pode ser verdadeira ou não, a singularidade e, na perspectiva kierkegaardiana, a expressão mais clara do tornar-se a verdade, isto é mais do que Foucault estabelece na relação entre ética e verdade. Tornar-se singular requer um gigantesco esforço em lutar contra a sensação e o prazer do imediato e do sensível. Requer o deslocamento de si em direção a si sem a segurança de um Deus ou de uma força que possa encaminhar sua segurança e obter proteção. O que é dado ao homem no horizonte kierkegaardiano é a vida. A existência é uma tarefa que requer que seja ou não aceita e elaborada, por isso, a elaboração da própria personalidade não depende de Deus, mas, Deus criando, se retira, para que o homem possa ser o autor de si mesmo.

Nos *Diários* e em *As Obras do Amor*, encontramos registros desse retrair-se de Deus para que o homem possa edificar-se como fun-

damento, isto é, como liberdade em si mesmo, o que denominamos de liberdade enredada. Segundo o filósofo de *Migalhas Filosóficas*:

A coisa mais elevada que se pode fazer por um homem é torná-lo livre. Mas, para poder fazê-lo é necessário a onipotência. Isto parece estranho porque a onipotência deveria tornar dependente. Mas se es quer verdadeiramente conceber a onipotência, se verá que ela comporta precisamente a determinação de poder retomar-se (ou retrair-se) em si mesmo em sua manifestação de onipotência, de forma que por isso mesmo a coisa criada, possa por via da onipotência, ser independente. (KIERKEGAARD, 1980, D, VII^a A 181).

Essa tese kierkegaardiana tem herança das aulas que frequentou com Schelling, e que podemos conferir na obra escrita 1809, sobre a relação de independência-dependência, liberdade em si e liberdade-enredada denominada *Essência da liberdade humana*. Segundo Schelling, “Pelo fato de brotar do fundamento (de ser criatura), o homem possui em si um princípio independente com relação a deus.” (SCHELLING, 1991, p. 44). E que o princípio, continua o autor,

[...] que se eleva do fundamento da natureza e pelo qual o homem se cinde de Deus é o si—mesmo que, na unidade com o espírito ideal, se torna espírito. Como tal, o si-mesmo é espírito ou então o homem é espírito enquanto um ser dotado de si-mesmo e de um caráter específico (cindido de Deus) e precisamente essa ligação constitui a personalidade. (p. 44)

Em outra citação, é possível aproximar ainda mais do itinerário kierkegaardiano da relação entre o indivíduo singular e Deus, e que está muito próxima do conteúdo da afirmação de Kierkegaard que Deus dá e se retrai para que o homem possa tornar-se. É necessário que o fundo sem fundo ou o mistério se divida “apenas para que a vida, o amor e a existência pessoal possam acontecer” (p. 80). No *Pós-escrito*, encontramos a afirmação kierkegaardiana de que “ninguém é tão resignado como Deus, pois Ele comunica criando, de tal modo que, ao criar, Ele dá autonomia frente a Ele mesmo.” (p. 274-275). O que estamos afirmando a partir de Kierkegaard é que a compreensão do fundo-sem fundo, do abismo, do não-fundamento para a existência humana, isto é, o sem-fundo é a condição do

existente tornar-se livre e é anterior as questões problematizadas por Heidegger em *O princípio de razão* sobre o abismo ou o fundamento do fundamento.

O que Kierkegaard expôs no capítulo II da primeira parte da *A doença mortal – o desespero humano* contém um conteúdo muito próximo daquele apresentado em *A essência da liberdade humana*, ou seja, “[...] pois Deus fazendo com que o homem fosse esta relação, como que o deixa escapar da sua mão, de modo que a relação depende de si própria” (KIERKEGAARD, 1974, p. 340). Deixar escapar de sua mão é uma boa metáfora para dizer ao homem, vá e torne-se o artista da sua própria vida, pode ser também uma outra maneira de dizer que o homem possui uma liberdade enredada, pois o homem enquanto si mesmo não cria a si mesmo, quando escolhe tornar-se si mesmo. A principal obra de Kierkegaard, em que desenvolve a sua concepção do si mesmo ou de como tornar-se ou negar tornar-se si mesmo, é *A doença mortal – o desespero humano*. Contudo, é em *As obras do amor* que encontramos uma maior aproximação com a concepção de individuação entre os dois pensadores em questão. Como exposto na obra de 1847:

Ter caráter individual, é crer no caráter individual de cada um dos outros; pois o caráter individual não é coisa minha, é um dom pelo qual Deus me dá o ser, e ele o dá aliás a todos, e a todos Ele dá o ser. Tal é a insondável fonte de bondade que jorra da bondade de Deus, que Ele, o *todo poderoso*, dá de tal maneira que o que recebe, recebe seu caráter particular, que Ele que cria do nada, cria dando uma característica particular, de modo que a criatura mesmo sendo tirada do nada e não sendo nada, não paira diante Dele como nada, mas adquire seu caráter próprio. (KIERKEGAARD, 2005, p. 306).

Isto posto, o que podemos sintetizar até este momento? Que Deus, a condição do fundamento, retrai a si mesmo, para que a criatura possa ser o autor de si mesmo. O caráter individual corresponde à individuação do homem, enquanto brotado do fundamento? A independência do existente em relação ao Autor que pôs a síntese segundo Kierkegaard, pode ser compreendido precisamente a partir da separação de Deus e do homem como a condição para tornar-se independente e, portanto, capaz, de liberdade. Porém, não uma liberdade conceitual que se encaixa perfeitamente no

.....

mundo dos filósofos de sistemas e doutrinadores de sistemas, mas uma liberdade real, pois, como já foi afirmado por Kierkegaard, a liberdade nunca é possível, logo que ela é, ela é real. E sendo real, traz as consequências dos seus atos, o bem, ou o mal, a autenticidade ou a inautenticidade, a filiação e o reconhecimento do fundo sem fundo como condição da própria vida que se ganha, ou a danação da inautenticidade e do imediato como supremo estágio da vida e não da existência. O cuidado de si sempre implicou uma escolha de um modo de vida. Essas escolhas também podem ser relacionadas num estudo posterior sobre os dois pensadores com as esferas da existência desenvolvidas por Kierkegaard.

Esta noção, no entanto, é desprezada pela filosofia, que não mostra interesse em evocá-la desde o período clássico até os dias atuais colocando a discussão sobre o sujeito e o conhecimento de si na fórmula distinta e reconhecida por todos considerados sob o preceito délfico do *conhece-te-a-ti-mesmo* (o *gnôthi seautó*). E, no entanto, o *cuidado de si mesmo* é certamente a questão sob a qual se agita e se fundamenta a arquitetura da hermenêutica foucaultiana do final dos anos de 1980 em diante, pois é ela que o leva em direção ao sujeito/subjetividade que se busca eticamente no conhecimento dele mesmo e de suas relações buscando este estágio por meio das escolhas individuais. O Cuidado de si é menosprezado pela filosofia porque revela um homem quebrado no sentido utilizado por Emil Cioran, um homem inconcluso e, por isso, não atende à exigência de um sujeito de conhecimento puro e autossuficiente como gostam de afirmar os filósofos profissionais.

A subjetividade em Kierkegaard não é demonstrada como se faz com uma proposição filosófica. Pelo contrário, ela é evocada a partir de determinados cenários, por isso, mediante a leitura que se faz do Juiz Guilherme, de Dona Elvira, de Sócrates, de Jó, de Abraão, do Judeu errante e também dos próprios pseudônimos, como Climacus, Constantin Constantius, Anti-Climacus, Vigilius Haufniensis, é possível compreender o que o filósofo dinamarquês pretende com subjetividade. O próprio problema colocado em *Temor e tremor* sobre a suspensão teleológica da moralidade é um grande esforço em assumir que a subjetividade está acima do exterior (Lei, Estado, Religião), pois se a subjetividade obedecesse ao imperativo do Estado, Deus seria relativizado e o indivíduo reduzido apenas a

um numero a mais, isto é, capaz de realizar exatamente as mesmas ações destinadas a todos os homens e não a cada homem em particular.

Considerações finais

Como foi exposto, a relação entre a construção da subjetividade com o cuidado de si ou como cuidado e edificação do si mesmo em Kierkegaard e Foucault não é um delírio. É apenas sintomático e estranho que tão poucos estudos se dediquem a uma relação tão interna e tão necessária para a construção do próprio ato de filosofar como problematização da existência.

Ora, se o cuidado de si implica, segundo Foucault, “descer no mais profundo de si mesmo” (2010, p. 78), como exposto em *A hermenêutica do sujeito*, o que seria essa descida senão penetrar no mais íntimo da própria interioridade, como propõe Kierkegaard? O cuidado de si, continua o filósofo francês, implica sempre uma escolha de modo de vida (p. 102) diante dos momentos da vida, “estação da existência em que se deve ocupar-se consigo mesmo” (p. 79). Parece ser bastante evidente para o ouvinte que Kierkegaard tem a categoria da escolha como eixo central em sua abordagem dos estádios existenciais. Teria alguma diferença entre estação da existência e estágio existencial?

Do exposto, em Foucault e em Kierkegaard, a partir dos cursos de 1982, a proposta é proporcionar ao indivíduo real e existente, material, elementos, textos que possam servir como propedêuticos à elaboração de si mesmo, isto é, é tornar-se, no movimento de concretização de si mesmo, a própria ética, ao escolher (âmbito do estético e do ético geral) e decidir tornar-se, autenticamente (âmbito da segunda ética), um si mesmo ou negar-se a si mesmo.¹

Aqui, estamos diante da máxima relação entre subjetividade e ética. Somente na adesão da subjetividade, enquanto radicalidade ética, o homem poderá tornar-se um homem verdadeiro. Para existir em carne e osso é preciso vivenciar este compromisso denominado de amor enquanto gratuidade absoluta para com a dignidade do Tu e, para isso, é fundamental “nos tornar sóbrios, conquistar a realidade efetiva e a verdade encontrando e permanecendo no mundo da realidade, como sendo a tarefa designada a cada um de nós” (2005, p. 190).

A subjetividade tem uma evolução histórica, perpassa a subjetividade ontológica que não é capaz de compreender o movimento da singularidade e mantém o intervalo entre o sujeito e o objeto, o pensamento do ser. A subjetividade econômica, enquanto singularidade localizada no mundo e no relacionamento com o fazer as coisas do mundo, encontra o seu sentido na realização do trabalho e não mais fora dele. O trabalho, segundo Marx, possui uma tríplice qualidade: de me revelar para mim mesmo, de revelar minha socialidade e de transformar o mundo. E finalmente a subjetividade ética da segunda ética, que assume, na relação concreta com o imediatamente mais próximo, a condição que permite tornar-se um si mesmo. Essa compreensão de subjetividade tem um percurso que vai da abnegação ao sacrifício radical, do compromisso à substituição.

A subjetividade, em Kierkegaard, é identificada como verdade, interioridade, decisão, ética, paixão infinita e amor. Em síntese: “a interioridade é manter a ética em si mesmo” (1993, p. 540). “Se a subjetividade é a verdade, e a subjetividade é a subjetividade existente... a subjetividade culmina na paixão” (KIERKEGAARD, 1993, p. 383); “então se a subjetividade, a interioridade é a verdade” (KIERKEGAARD, 1993, p. 370); “a paixão do infinito é precisamente a subjetividade e assim a subjetividade é a verdade” (KIERKEGAARD, 1993, p. 368); “a paixão é precisamente o vértice da subjetividade” (KIERKEGAARD, 1993, p. 366).

Considero satisfatória a distinção da subjetividade efetuada por Kierkegaard. Na objetividade e na universalidade do conceito, o Indivíduo Singular (*den Enkelte*) é dissolvido, é despersonalizado de sua estrutura íntima, isto é, não existe uma responsabilidade pessoal que assuma a tarefa de ser o portador do sentido e a concretização da assimetria ética, o que é o mesmo que afirmar que não existe uma existência autêntica. Nesse sentido, a uma Filosofia do conceito, a partir do percurso dessa conversa, propõe-se uma Filosofia da situação – tensionada a uma Filosofia da objetividade pura e da redução da diferença e da identidade do mesmo, ele propõe uma Filosofia da subjetividade responsável. Qual seria o estatuto dessa responsabilidade capaz de assumir a si mesmo como alteridade do primeiro Tu como condição de conquistar e concretizar a si mesmo como é desenvolvido na primeira série de *As obras do amor* e na *Hermenêutica do sujeito*?

Nota

- 1 Kierkegaard, na obra *A doença mortal*, descreve as várias possibilidades que o desespero se apresenta na existência humana. 1 – Desesperadamente querer tornar-se um si mesmo; 2 – Desesperadamente não querer tornar-se um si mesmo; 3 – Desesperadamente não ter consciência de se ter um eu.

Referências

DEFERT, Daniel; EWALD, François. Cronologia. In: FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. 3. ed. São Paulo: Forense, 2011a. (Ditos e escritos I).

FOUCAULT, Michel. FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. 3. ed. São Paulo: Forense, 2011b. (Ditos e escritos I).

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: cursos dados no collège de France (1981-1982)*. São Paulo: Martins fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros: cursos dados no collège de France (1982-1983)*. São Paulo: Martins fontes, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos: ética, sexualidade, política*. 3. ed. São Paulo: Forense, 2012a. (Ditos e escritos V).

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade - 1984. In:

GROS, Frédéric. Notas 46: aula do dia 6 de janeiro de 1982. In: FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: cursos dados no collège de France (1981-1982)*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. *Post-scriptum no científico y definitivo a migajas filosóficas*. Salamanca: Sígueme, 2010.

KIERKEGAARD, Søren. *As obras do amor*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

KIERKEGAARD, Søren. *Pós-escrito conclusivo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SHELLING, F. W. *A essência da liberdade humana – investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana e das questões conexas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.